



*Roteiro de fontes da história portuguesa contemporânea* / coord. Joel Serrão. — Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984 —

*Arquivos de Lisboa* / dir. Maria José da Silva Leal, Miriam Halpern Pereira; colab. Ana Maria Cardoso de Matos, Maria de Lourdes Nunes Henriques.

*Arquivo Nacional da Torre do Tombo.* — 1984. — 2 vol. (368; 416 p.); 21 cm

Os dois volumes agora publicados do *Roteiro de Fontes da História Portuguesa contemporânea* ocupam-se do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

É objectivo deste Roteiro cobrir todos os arquivos nacionais (oficiais e particulares) e os estrangeiros. Para levar a cabo tal tarefa foi (será) essencial o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e do Instituto Nacional de Investigação científica.

Para além dos dois volumes sobre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Roteiro incluirá ainda uma segunda parte acerca dos arquivos do aparelho de estado, dos arquivos históricos ministeriais e do arquivo da Câmara Municipal de Lisboa.

Da equipa que elaborou a parte relativa ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo fizeram parte o Professor Joel Serrão (coordenador do projecto a nível nacional), a Dr.<sup>a</sup> Maria José da Silva Leal do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a Dr.<sup>a</sup> Miriam Halpern Pereira do Centro de Estudos de História Portuguesa Contemporânea do ISCTE.

O Roteiro, no que diz respeito ao A.N.T.T., abre com a localização do Arquivo e demais pormenores de interesse para a identificação do mesmo (ex: horário de funcionamento, metragem da documentação, e outros.)

Cronologicamente, abrangre o período compreendido desde o reinado de

D. Maria II (se bem que haja alguns núcleos que possuem documentação anterior) até ao séc. XX. Em relação à segunda metade deste séc. não foi possível o manuseamento da documentação existente no A.N.T.T., pois a legislação actual exige um certo período de confidencialidade. Deparamos com uma introdução histórica acerca do A.N.T.T. desde a sua formação até hoje, estrutura e organização. Cada núcleo referido aparece com notas resumidas sobre a sua formação, situação arquivística e dados históricos sobre a instituição correspondente. Apresenta ainda uma bibliografia sucinta acerca de cada núcleo.

É inegável a importância deste trabalho:

1. Se nos lembrarmos de que a maior parte dos Arquivos nacionais ainda hoje não possui um inventário geral dos núcleos que os compõem, muitas vezes devido à inexistência de uma política cultural coerente para os Arquivos.

2. Dará aos estudiosos da História Contemporânea um instrumento de trabalho básico, porque, por vezes, a falta de tratamento arquivístico dos núcleos dos Arquivos, impede a sua utilização.

3. Saliente-se ainda o extremo rigor que se detecta ao longo destes dois volumes e da benéfica, e tão rara, união entre pessoas de formação diferente — por um lado, a Dr.<sup>a</sup> Maria José Leal com conhecimentos técnicos actualizadíssimos no campo arquivístico e por outro, a Dr.<sup>a</sup> Miriam Halpern Pereira preocupada com o rigor histórico.

Estamos, sem dúvida perante uma das melhores obras de referência editadas nos últimos tempos para o estudo da história contemporânea.

Ana Maria Pires Pessoa

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Faculdade de Letras. Instituto de Estudos

Alemães — «*Exposição de Ex-Libris Alemães: Coimbra, 3-18 Dez. 1983: Catálogo = Ausstellung Deutscher Exlibris: Coimbra, 3-18 Dez. 1983: Katalog*» Porto, Paisagem Editora, 1983.

Publicado na colecção «Paisagem Arte», dirigida pelo Prof. Pedro Dias, da qual constitui o 6.º volume acaba de sair o «Catálogo de Ex-Libris Alemães = Deutsche Exlibris», publicação de grande interesse para todos os estudiosos e coleccionadores da matéria. Este livro, edição da Paisagem Editora, propriedade de António Vaz Proença e impresso nas oficinas da Tipave (Aveiro), compreende a descrição de todos os exemplares presentes na exposição subordinada ao título Ex-libris Alemães, que teve lugar em Coimbra, de 3 a 18 de Dezembro do ano findo. A mesma foi promovida pelo Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a sua comissão organizadora integrou os seguintes colegas bibliotecários, conhecidos profissionais no meio e na especialidade: Ana Maria Osório Pereira de Melo, Joaquim Tomás Miguel Pereira e Maria Armada de Almeida e Sousa.

Neste catálogo, subsidiado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha por intermédio do seu consulado no Porto, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelo Instituto Português do Património Cultural e pelo Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, estão descritos, de forma abreviada, 1279 ex-libris.

Nele se referem as marcas bibliográficas mais significativas e de melhor qualidade artística seleccionadas a partir da enorme quantidade de material recolhido nas colecções João Jardim de Vilhena e Ferreira Lima e do enviado por artistas contemporâneos alemães, vindo pro-

positadamente deste país para esta exposição.

Todos estes ex-libris, depois de seleccionados, foram em grande parte correctamente identificados e referenciados em obras da especialidade, que constam da bibliografia apresentada na parte final, pertencentes, em grande número, a Artur Mário da Mota Miranda e à Secção Ex-Librística da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Depois de uma nota histórica sobre a ex-librística alemã, à qual se segue a ordenação cronológica das espécies desde o século xv ao xx apresenta-se uma ex-librística alemã relacionada com Portugal e uma terceira alínea dedicada a secções especiais da qual constam a Goethiana e as gravuras de Arte.

O evento foi aproveitado para comemorar uma efeméride, o 150.º aniversário da morte de Goethe. Como contributo, os organizadores seleccionaram uma «Goethiana ex-librística», secção temática dedicada a pertences ligados de alguma forma com este conhecido escritor germânico.

De referir o facto de o texto ser bilingue e, para lá da reprodução dos pertences mais significativos, apresentar ainda, de forma sucinta, os dados biográficos essenciais de cada artista.

Maria Isabel Faria

SOUSA, Fernando de — *Catálogo do Arquivo distrital de Vila Real*, 2 vols. Vila Real, Junta [Assembleia] Distrital de V. R., 1976-1979.

SOUSA, Fernando de; GONÇALVES, Silva — *Catálogo — Inventário do Arquivo Distrital de Vila Real*, 3.º vol. Vila Real, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de V. R., 1983.

1. A situação dos arquivos regionais (distritais, municipais e misericórdias)

portugueses implica a seguinte tipologia caracterizadora:

a) Arq. desfeitos — incluem-se aqui todos os que não existem fisicamente, isto é, ocupando espaço próprio e com pessoal adstrito, e têm o respectivo espólio empilhado em péssimas condições, em vários sítios e em risco de se perder na íntegra;

b) Arq. abandonados — são os que ocupam um determinado espaço, onde se acumula o respectivo espólio (grande parte dele de várias procedências), em condições sofríveis, mas sem meios humanos e técnicos, o que impede, naturalmente, a elaboração de roteiros e/ou inventários, e sem estes instrumentos os Arq. são, na prática, inexistentes; e

c) Arq. vivos — são os que reúnem todos os requisitos indispensáveis para permitir a consulta pública. (Este grupo está, porém, longe de ser homogêneo, porque nem todos dispõem de idênticos meios, e isto reflecte-se no serviço global prestado ao principal utente: o investigador).

Em face disto, tudo o que surja no sentido de alterar para melhor as situações descritas, merece um destaque especial. É o que sucede com os trabalhos em epígrafe, cujo mérito principal consiste em quebrar o «isolamento» do A. D. de V. Real, revelando no íntegro os seus núcleos documentais e obrigando, por este meio, as autoridades, sobretudo, o IPPC, a premiar o «esforço dispendido — tanto quanto julgamos saber, único, a nível dos Arquivos Distritais portugueses — dotando a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real com as verbas necessárias para a sua decente instalação e funcionamento» (3.º vol. p. 4).

2. Uma apreciação global, que atenda, pois, aos propósitos da obra, tem de ser, forçosamente, positiva e laudatória, mas o mesmo não sucede se incidirmos no pormenor técnico, se adoptarmos uma perspectiva arquivística.

Começamos por salientar a nítida diferença existente entre os dois vols. de Fernando de Sousa e o último, em que colabora Silva Gonçalves. Diferença, que se evidencia no próprio título adoptado. Os vols. 1 e 2 intitulam-se, indevidamente, de *Catálogo*, ao passo que o último, sem romper com este termo, inclui o de *Inventário*, o que é louvável em termos de intenção, mas, na prática, acaba por ser «pior a emenda, que o soneto»...

Não cabe aqui discutir questões de terminologia, mas afigura-se-nos oportuno e válido definir *Inventário*, como uma relação das espécies de um determinado fundo ou núcleo documental, que inclui os elementos essenciais (divisão funcional ou ideográfica, cota, título e datas extremas), e *Catálogo*, como a descrição pormenorizada das espécies (também, dum fundo ou núcleo), isto é, feita peça a peça.

Sobre o vol. 1 diremos, que o primordial, no respeitante aos Livros de Notas (tabeliães e notários), não é publicar a respectiva listagem, mas proceder a um *Inventário* de uso interno (e para os utentes, claro), elaborado do seguinte modo: arrumação por cartório/notário, com cota seguida (por cada incorporação de certo concelho), assuntos (actos e protestos de letras, etc.), número do livro no cartório e datas extremas (no fim, vem o Índice dos Notários e Relação dos Notários-Interinos; Substitutos; Ajudantes de Notário e da Secretaria Notarial). Comparada com este modelo, a listagem dos Livros de Notas do vol. 1 e 3 não permite uma procura eficaz, atendendo ao tipo de público, que os solicita.

O defeito do 2.º vol., em nossa opinião, consiste em apresentar os núcleos documentais relativos aos quatro fundos publicados (Arquivo Municipal de Vila Real, Misericórdia de V. R., Juízo de Paz de Mouços e Irmandade de S. Pedro e Clérigos, de V. R.), por ordem alfabética, aparecendo todos misturados e não distri-

buidos pelos respectivos fundos das entidades administrativas, que os produziram. Isto parece-nos ser um erro grave, porquanto o Inventário deve fazer-se sempre de modo a que cada fundo mantenha a orgânica primitiva.

Quanto ao último vol. nota-se que foi, de certo modo, corrigido o erro supracitado, na medida em que os três fundos publicados (Câmara Municipal de V. R., Governo Civil e Fundo Notarial) receberam uma arrumação individualizada, embora a numeração (cota) seja seguida, o que não nos parece muito correcto. Mas apesar disso, manteve-se o mesmo critério geral, adoptado logo no 1.º vol., que provocou a fragmentação dos fundos — aspecto já referido no parágrafo anterior.

*Armando B. Malheiro da Silva*

GERMANAUD, Marie Claire — *La bibliothèque publique en milieu rural et dans les petites agglomérations: conseils pratiques*. Paris, Cercle de La Librairie, 1982, 92p.

Este manual surge num momento em que em França se realiza um enorme esforço para estender a leitura pública às zonas mais desfavorecidas e afastadas dos centros importantes, mas que, de qualquer modo, são quase sempre servidas ou apoiadas por uma «Bibliothèque Central de Prêt» (BCP).

Esta brochura dirige-se sobretudo a pessoas sem formação especializada, propondo-se ajudá-las na criação e organização de uma pequena biblioteca, reunindo uma série de conselhos práticos, de aplicação imediata, que constituem os conhecimentos de base indispensáveis.

Extremamente pragmático, apresentando de maneira por vezes demasiado esquemática as situações e as soluções, foi escrito por alguém que conhece a realidade do dia-a-dia, numa linguagem

simples, clara, directa, enfim, acessível a todos, mas sem abdicar dos princípios técnicos primordiais.

O livro apresenta os seguintes capítulos: A Biblioteca Pública, uma necessidade; a B.P., um serviço municipal; a B.P., um espaço; a B.P., uma escolha de livros; a B.P., uma colecção, um fundo de livros organizado; a B.P., os utilizadores; a B.P., o público e o não-público (informação e animação).

De assinalar, finalmente, que este manual também é dirigido de uma maneira especial aos autarcas interessados em criar uma biblioteca, encorajando-os a fazê-lo e fornecendo-lhes algumas indicações importantes, sem esquecer as responsabilidades orçamentais.

A criação de uma compacta rede de bibliotecas em todo o país é um objectivo em que o governo de Mitterrand apostou fortemente pois, como diz a autora, *promover a igualdade de todos os franceses face ao livro, é especialmente dar a possibilidade a cada um, qualquer que seja o lugar em que habite, de poder beneficiar de um serviço público de leitura*.

*Henrique Barreto Nunes*

PATTE, Geneviève — *Laissez-les lire!: les enfants et les bibliothèques*. Paris, Editions Ouvrières, 1978, 293 p.

Embora já não muito recente, esta obra mantém-se perfeitamente actual e julgamos dever ser divulgada, pois passou despercebida em Portugal na altura da sua edição.

Mais do que um manual, baseado na experiência pessoal de autora, é sobretudo um livro de paixão, que se tornou possível devido à prática quotidiana da autora nas bibliotecas infantis, a uma experiência vivida (e meditada) com entusiasmo e reflexão. Incita-nos a tornar

essas bibliotecas cada vez mais vivas, mais ricas, mais frequentadas.

Mostra-nos o papel que a biblioteca pode desempenhar na vida das crianças, mesmo como meio de combater a solidão e o isolamento a que a vida moderna as condena.

Indica-nos, ou sugere-nos, processos de superar o embaraço da escolha, no meio de cada vez mais densa floresta de livros que vão sendo editados e mostra-nos como a biblioteca os pode pôr ao alcance dos seus leitores.

Um capítulo extremamente interessante é dedicado à animação — como tornar vivas as bibliotecas? Analisam-se todos os processos de animação praticados nas bibliotecas, quer se destinem a conduzir a criança ao livro, quer sirvam para as estimular para o prazer da leitura.

As condições necessárias para criar e fazer funcionar uma biblioteca são

também objecto de um outro capítulo, em que se fala da arquitectura, do mobiliário, do pessoal e da necessidade da sua formação especializada.

O último capítulo diz-nos como a biblioteca pode ser um lugar de abertura para o mundo, um espaço de comunicação e de diálogo entre a criança e o adulto.

O livro é completado por uma série de anexos contendo elementos importantes sobre a história e tipos de bibliotecas infantis, conselhos sobre a sua construção e equipamento, documentação sobre a literatura infantil, formação do pessoal, informação corrente sobre o livro para crianças e adolescentes, sobre a associação «La Joie par les livres» e bibliografia, tendo sobretudo em conta a realidade francesa.

H.B.N.